



DOI: 10.26512/emtempos.v1i37.35414

Editorial

No *Editorial* do último número de *Em Tempo de Histórias*, lançado em julho de 2020, apontávamos a expressiva transformação de várias dimensões da vida social, por conta dos altos índices de infecção pela COVID-19, que levaram à reorganização das forças produtivas, ao acirramento das desigualdades sociais e, especialmente no Brasil, à intensificação da polarização política. Trata-se de situação lamentavelmente em andamento.

Nesse cenário, o lugar da ciência tem sido alvo de muitos questionamentos em torno das possíveis rotas de superação da situação pandêmica. Por um lado, tornou-se explícita a centralidade das pesquisas e dos empreendimentos científicos no desenho de alternativas para o combate à COVID-19, o que, é claro, não significa encarar ingenuamente esse processo ou desarticulá-lo de interesses político-econômicos. De outro lado, alimentadas pelos negacionismos que, nos últimos anos, ganharam espaço em nossa sociedade, são incomodamente notáveis as posturas pouco fundamentadas que desacreditam ou negam totalmente qualquer tipo de conhecimento científico, ao ponto de não serem raras as pessoas sistematicamente declaradas contrárias à vacinação, não só para prevenir a COVID-19, mas também outras enfermidades.

No debate público, vieram à tona comparações entre a atual e outras experiências históricas de crise sanitária, como a Revolta da Vacina (1904) e a Gripe Espanhola (1918-1919). Por conta disso, historiadores e historiadoras foram instados e instadas a produzirem explicações para a complexidade do nosso presente, fundamentando-as em leituras do passado. Apesar de ser um exercício proveitoso, sabemos que essas relações são mais nuançadas, menos diretas e sempre mediadas por diferentes fatores, inclusive pelos olhares do “agora” que escrutinam distintas temporalidades.

Trata-se, portanto, de um contexto que nos convoca a assumirmos um importante espaço de discussão, no qual o desafio é não cair na armadilha de oferecer leituras simplistas, generalistas, universalistas ou meramente opinativas, como tem se tornado cada vez mais comum. Para isso, pode ser proveitoso investir num permanente exercício de desnaturalização do modo como constituímos nossos objetos, recortes, procedimentos metodológicos e substratos teóricos, para visualizá-los como produção também historicamente operada, matizada por demandas em movimento, enredada em limites institucionais, éticos e com implicações políticas incontornáveis, associadas à forma como damos a ler publicamente o conhecimento que emerge do nosso ofício.

É nessa esteira que publicamos o número 37 de *Em Tempo de Histórias*, com o *Dossiê História & Cinema*, organizado pela Profa. Dra. Angela Aparecida Teles (UFU). O dossiê reúne um conjunto de textos que localizam temáticas, problemas e abordagens extremamente diversos no que se refere ao trabalho com o cinema. Os autores e as autoras, além daqueles e daquelas de origem internacional, estão

vinculados e vinculadas às mais diversas instituições de ensino pelo país, de forma que está contemplada uma variedade regional no que concerne aos espaços de produção historiográfica – característica muito importante para conferir visibilidade ao conhecimento produzido fora do eixo dominante, especialmente o sudeste. Apesar da diversidade, os textos trazem em comum o fato de mirarem o cinema com lentes problematizadoras, que o percebem não como uma ilustração ou um reflexo do mundo, mas como um *locus* de enunciação de sentidos, ideias e interpretações multifacetados a serem historicizados. Ressalte-se que o dossiê recebeu um número bastante significativo de contribuições, o que indica a atualidade do tema e sua consolidação nas pesquisas historiográficas e afins.

O número é enriquecido pela entrevista *O mergulho do outro: contra a homofobia e a transfobia, uma entrevista com Émerson Maranhão*, realizada por Carlos Renato Araujo Freire e Francisco das Chagas Fernandes Santiago Júnior, cujo assunto, além de dialogar diretamente com o dossiê, documenta e coloca em questão os marcos autoritários que atravessam o Poder Executivo e os órgãos a ele submetidos, no Brasil do presente.

Na sequência, na seção “notas de pesquisa”, destinada à divulgação de pesquisas de estudantes de graduação, temos o trabalho *A violência como espetáculo: uma análise da relação entre mídia, justiça e violência em Black Mirror*, de Marianne Lopes Braga Batista, que, também se aproximando do dossiê, discute um episódio da série *Black Mirror*, para colocar em perspectiva a relação entre justiça e violência, tendo como parâmetro os limites éticos dessa associação.

Na sessão de artigos livres, Luã Pedro Rocha Carvalho, em *As acusações “haitianistas” na racializada sociedade brasileira da primeira metade do Dezenove*, versa sobre o caráter das acusações de cunho “haitianista”, ou seja, ligadas diretamente aos supostos ideais remanescentes da Revolução Haitiana, principalmente o extermínio da raça branca, à luz da percepção de uma racializada sociedade brasileira no oitocentos. Finalmente, em *A trajetória do Partido Trabalhista Brasileiro na Bahia: primeiras leituras*, Herbert Santos Oliveira busca analisar a trajetória do trabalhismo e do Partido Trabalhista Brasileiro, pensado como um marco importante na condução de uma política de estado, aproximada das perspectivas das leis trabalhistas e na forma de organizar a classe trabalhadora, com foco no estado da Bahia.

Não poderíamos deixar de prestar nossos sinceros e calorosos agradecimentos à professora Angela Teles, organizadora do dossiê, e aos muitos e às muitas pareceristas desse número, cujo trabalho foi e é parte fundamental e indispensável para o bom funcionamento da revista.

Fazemos votos de boa leitura a todos e a todas, acompanhados daqueles de saúde, esperança e melhores horizontes em 2021.

Artur Nogueira Santos e Costa
Conselho Editorial
Dezembro de 2020